

Resenha

## Resenha do livro "Un hilo de tinta recorre América Latina. Contribuciones para una historia del libro y la edición regional" (2022)

Review of the book "Un hilo de tinta recorre América Latina. Contribuciones para una historia del libro y la edición regional" (2022)

Reseña del libro "Un hilo de tinta recorre América Latina. Contribuciones para una historia del libro y la edición regional" (2022)

**Maria do Rosário Alves Pereira**

<sup>1</sup> Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais,  
Belho Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

GARONE GRAVIER, Marina (Coord.) *Un hilo de tinta recorre América Latina. Contribuciones para una historia del libro y la edición regional*. Villa María: Eduvim, 2022.

Os estudos da edição vêm crescendo consideravelmente nas últimas décadas, o que se comprova pela quantidade de publicações na área e, ainda, pela diversidade de cursos e pesquisas sobre o tema ou que com ele dialogam. Trata-se de campo frutífero porque transdisciplinar, o qual permite um diálogo com outros campos do conhecimento, como história, literatura e sociologia. No entanto, há que se pensar ainda nos estudos sobre edição como um "campo disciplinar autônomo", para usarmos as palavras de Marina Garone Gravier na apresentação do livro *Un hilo de tinta recorre América Latina. Contribuciones para una historia del libro y la edición regional* (2022), por ela organizado, que vem a público pela Editora da Universidad de Villa María, na Argentina, a Eduvim. Em um contexto no qual se ampliam as perspectivas e os debates sobre os meandros desse campo editorial sempre multifacetado, uma obra como esta é mais do que bem-vinda, por trazer olhares de importantes pesquisadores da área, que contemplam realidades distintas dentro da América Latina.

Marina Garone Gravier **é doutora em História da Arte pela** Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) e, desde 2009, é pesquisadora do Instituto de Investigaciones Bibliográficas da mesma instituição, onde fundou e coordena, desde 2012, o Seminario Interdisciplinario de Bibliología. Em seu vasto currículo, destaca-se ainda sua participação como cofundadora da Red Latinoamericana de Cultura Gráfica, em 2017, rede de que também participa, junto a outros pesquisadores, na coordenação das atividades. Por seu currículo e pelo dos demais pesquisadores, apresentados ao final do trabalho, percebe-se a seriedade e a relevância dessa publicação, por contar com a colaboração de estudiosos da área da edição, em suas diversas facetas.

Já na Apresentação é possível perceber sua linha metodológica: escarafunchar arquivos – e, felizmente, parte deles já vem sendo digitalizada por diversas instituições preocupadas com a história e a memória editorial de seus países – e cruzar dados de outros pesquisadores, utilizando bibliografia já existente, seguindo pistas daqueles que vieram primeiro. Para entender como cada nação chegou, hoje, ao ponto em que está, é necessário fazer uma leitura sobre o passado. Além disso, a proposta metodológica da obra pressupõe dialogar com outros pesquisadores, na sala de aula e fora dela, para debater perspectivas contemporâneas. É assim que pesquisadores de México, Argentina, Colômbia, Brasil, Chile e Uruguai apresentam contribuições significativas para se refletir sobre os fatores que levam o campo editorial a ser tão complexo e, ao mesmo tempo, instigante para aqueles que dele se ocupam. Não poucas vezes as lacunas históricas ou a escassez de registros são desafios a serem vencidos, e o gesto de se debruçar sobre esse campo dinâmico e multifatorial assemelha-se à montagem de um quebra-cabeça, em que comumente faltam peças para o encaixe. No que se refere a países que sofreram o processo da colonização, esse traço parece ser ainda mais contundente, uma vez que salvaguardar memórias definidoras da cultura de nações que progressivamente se desvencilharam do poder colonial para ganharem autonomia política jamais interessou ao Estado colonial.

Desse modo, as pesquisas que se apresentam na obra em foco lidam com este e outros desafios, como aquele que se refere à própria autonomia do campo: para que ele se institucionalize, é necessário um esforço sistemático, contínuo e persistente por parte dos envolvidos – haja vista o relato de Garone Gravier na apresentação sobre seu esforço de oferecer, durante mais de dez anos, um seminário de pós-graduação sobre história e historiografia do livro e da edição no México e na América Latina, ponto que também será retomado na última parte do livro, em artigo de Ana Elisa Ribeiro sobre os esforços brasileiros para que a edição caiba na grade de disciplinas e cursos de graduação e pós-graduação, dentre outras iniciativas. Com a pandemia e a virtualização do conhecimento, foi possível a essas e a outros pesquisadores estreitarem laços com pesquisadores de outras instituições, o que movimentou os estudos sobre edição e as redes de trocas entre elas. Ficou patente, então, a existência de diversos cenários e trajetórias editoriais, e ao mesmo tempo houve reflexões sobre a profissionalização da área.

É nesse contexto de participação coletiva que vem à tona esta obra, na qual, após a Apresentação, tem lugar um texto introdutório da própria Marina Gravier: nele, um apanhado histórico sobre o mundo do livro e da edição no contexto latino-americano abre portas para que o leitor saboreie cada artigo que vem a seguir. Neste rico ensaio, a pesquisadora mostra a estreita relação entre política e edição – esta ainda em seus primórdios – e aponta como tanto o sistema colonial, quanto fatores externos conferiram contornos à produção que se estabelecia na América Latina, ainda que houvesse especificidades consoantes às distintas realidades socioculturais e econômicas. Aponta a autora que, a partir de meados do século XIX, projetos mais estáveis surgem, com o início da produção de papel e a diversificação de gêneros editoriais, ainda que seja efetivamente no século XX que tal produção

ganha viabilidade e visibilidade, concomitantemente. Quanto ao século XXI, têm lugar outras discussões, como a da profissionalização e a consolidação do campo.

Este primeiro texto é de fundamental importância, pois, nele, visualiza-se a estrutura da própria obra, que apresenta inicialmente um panorama histórico para, a seguir, problematizar questões mais contemporâneas. As quatro partes que compõem o volume permitem perceber as especificidades existentes em cada nação, mas também alguns pontos convergentes. Isso mostra que a formação de um campo editorial se submete a variáveis de ordem política, econômica e social, dentre outras, podendo tais variáveis impulsioná-lo ou, ainda, retardar seu aparecimento no cerne de uma sociedade, conforme os interesses envolvidos. Afinal, publicar é, acima de tudo, um ato político, na medida em que possibilita que diferentes vozes sejam ouvidas.

Na primeira parte, intitulada "Historias del libro, la imprenta y la tipografía antigua en América Latina: México, Argentina, Colombia, Brasil, Chile, y Uruguay (siglos XVI al XVIII)", apresentam-se seis textos. No primeiro, ainda por Garone Gravier, a autora faz considerações sobre o impacto do sistema alfabético sobre os indígenas no México e no Peru, ao longo do século XVII. Ainda que a incorporação dessa tecnologia tenha transformado o significado original dos textos pertencentes àqueles povos, fraturando a cultura nativa, o que trouxe conflitos de identidade e práticas de resistência cultural, por outro lado, a escrita, incorporada de forma paulatina, mas constante, foi uma forma de autoexpressão para alguns segmentos desses povos indígenas, mormente para aqueles que lideravam as comunidades. Isso aponta para a vitalidade das culturas, sempre capazes de se apropriarem de novas informações, ressignificando-as. No segundo texto, de Daniel Enrique Silverman (Universidade de Córdoba), remonta-se à instalação da imprensa no Colegio Monserrat de Córdoba, Argentina, em tempos coloniais, trazendo à tona os primórdios do desenho gráfico. Já no terceiro texto, de Claudia Angélica Reyes Sarmiento, da Universidad Jorge Tadeo Lozano (Colômbia), enfoca-se como lá surge a indústria editorial, resgatando os primeiros impressores naquela região, que ainda se utilizavam de métodos bastante artesanais, como os jesuítas e, em especial, Antonio Espinosa de los Monteros, figura de importância para o estabelecimento de tais práticas naquele momento.

Da Colômbia passa-se, então, ao Brasil, e Dina Araújo, da Universidade Federal de Minas Gerais, aborda a formação de bibliotecas, sejam elas religiosas ou privadas, do século XVI ao XVIII, e ainda demonstra como a chegada da Imprensa Régia no Rio de Janeiro, então capital nacional, e a instalação de oficinas de impressão pessoais em vários estados do Brasil, com destaque para Antonio da Silva Serva, na Bahia, contribuíram para dinamizar a então pífia produção editorial do país. O artigo seguinte, de Roberto Osses, da Universidad de Chile, abarca desde os fins do século XVI até os começos do XIX, e aponta como, em países colonizados sobretudo, literatura e edição nascem juntas. Além disso, as questões políticas prementes impediam o avanço cultural, o que se resumia ao dilema da nação chilena entre seguir o caminho das letras ou o das armas. Ao lado da guerra pela independência, então, acontecia outra guerra, uma batalha cultural, uma vez que a Coroa espanhola jamais permi-

tiu a instalação de uma tipografia no Chile ou ainda a circulação de livros. O artigo de Garone Gravier que fecha essa primeira parte da obra traz pesquisa por ela realizada em acervos e bibliotecas no México, recolhendo, em fontes secundárias, aparato documental acerca das primeiras produções em terra venezuelana. Em suas conclusões, aponta algumas familiaridades com outros sistemas, **já que a produção impressa** naquele país data do início do século XIX, de modo pareado a outros países latino-americanos, como Brasil, Panamá e Bolívia. O caráter político de muitas dessas publicações fica patente em decorrência do contexto histórico vivido por essas nações, mas, como destaca a pesquisadora, havia também a produção de outros gêneros textuais.

A segunda parte do livro, intitulada “Revoluciones tecnológicas al servicio de la producción editorial (siglo XIX)”, constitui-se de três trabalhos, sendo o primeiro de Luis Blau, da Universidad de la República, no qual o pesquisador faz uma “cartografia cronológica” das tipografias uruguaias de 1807 a 1900. Foram encontrados mais de 220 empreendimentos, e essa metodologia histórico-quantitativa mostra de modo eficaz não só o desenvolvimento da prática tipográfica no país, mas também permite novas construções de sentido em torno da questão editorial em outras nações da América Latina, pois os dados permitem que se amplie o olhar sobre a região quando colocados de forma comparativa aos de outros países. No segundo texto, de Héctor Raúl Morales Mejía, da UNAM, estabelece-se uma relação entre tecnologias e edição, pois as primeiras foram responsáveis, em diferentes momentos históricos, por sucessivos avanços na prática editorial que reverberaram no aumento das tiragens. O artigo que fecha esta parte, de Aram Alejandro Mena Álvarez, também da UNAM, estabelece um diálogo estreito com as artes visuais e a ilustração, mostrando como o discurso da modernidade, no século XIX mexicano, mantém relações intrínsecas com o estabelecimento de uma indústria gráfica nacional.

Após uma visada histórica sobre as diferentes realidades editoriais nos países latino-americanos, a terceira parte, intitulada “Temas y problemas de la edición Latinoamericana del siglo XX”, debruça-se sobre o presente. Os três artigos que a compõem – “Auge, olvido y rememoración de la técnica tipográfica en México en el siglo XX”, de Marina Garone Gravier; “Las prácticas editoriales en el campo del arte”, de Natalia Silberleib (Universidad Nacional de Tres de Febrero e Universidad Nacional de las Artes, UNA); e “Editoriales cartoneras en América Latina: una oportunidad para nuevos tiempos”, de Alfredo Ruiz (Universidad Nacional Mayor de San Marcos) – destacam como as transformações tecnológicas proporcionam novos processos e, conseqüentemente, novos formatos de publicação, muitos deles híbridos, alguns dos quais chamam a atenção para valores sociológicos de importância, como a ideia de comunidade e o trabalho artesanal, os quais convergem para uma proposta editorial dissonante do que apresenta o mercado *tout court*. Nesse sentido, ganham destaque as editoras cartoneras e, ainda que o artigo enfoque sobretudo o cenário peruano, as reflexões propostas podem ser ampliadas para outras realidades, uma vez que tal prática vem se consagrando em vários países, com ênfase no aspecto cultural do livro e, mais ainda, reflete a preocupação ecológica tão presente na atualidade.

A quarta e última parte da obra é composta por três artigos que trazem apontamentos relevantes para se pensar a história da edição em três realidades distintas. Ana Elisa Ribeiro (Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais) enfoca o caso brasileiro, traçando um panorama de como têm se dado os estudos editoriais no país e, para tal empreitada, passa pelas origens da tipografia, suas relações com a política – chegada da Corte portuguesa ao Brasil –, até chegar ao século XX, em que há uma relativa profissionalização do mercado. Ao final, o ensaio aponta para os desafios do campo editorial brasileiro no século XXI, como o estreitamento das discussões com países africanos de língua portuguesa. Ponto importante levantado por Ribeiro diz respeito ao surgimento de núcleos de estudo editorial para além das universidades, ou mesmo que delas partem, mas se fortalecem para além dela. Isso mostra a vitalidade do segmento editorial no país, referendado ainda por coleções de livros dedicadas exclusivamente ao labor editorial. Já o texto de Beatriz C. Valinoti (Universidad de Buenos Aires) parte da metáfora do fio de Ariadne para buscar pistas sobre a história do livro e da edição na Argentina. Por meio de premissas básicas, como “quem edita” ou “quem lê”, Valinoti faz um estudo de caso da obra *Lucía Miranda*, contrastando três versões do romance. Ficam patentes aspectos que interferem na publicação de uma obra – sua circulação e recepção –, como as diferenças entre o texto escrito e o texto impresso, bem como os circuitos pelos quais as obras transitam. Assim, o livro é compreendido como um objeto cultural, sempre em diálogo com forças sociais. E, finalmente, Juan David Murillo Sandoval (Instituto Caro y Cuervo) propõe um itinerário do livro na Colômbia, explicando por que tanto o espaço editorial quanto o público leitor são estreitos no país, e ainda como o Estado interferiu nessas situações. O pesquisador destaca projetos e iniciativas institucionais exitosos ao longo do século XX, que conferiram certa maturidade ao campo no país, por apontarem confluências entre a história política e cultural e a história editorial colombiana.

São muitos os caminhos a serem trilhados por meio da presente publicação, que possibilita conhecer o “estado da arte” editorial em alguns países da América Latina. Fundamental se faz reconhecer a proposta e o ineditismo da publicação neste sentido: em primeiro lugar, por se tratar de América Latina, conglomerado de países fora do centro político e econômico mundial; em segundo lugar, por propor um diálogo entre esses países sob a perspectiva da edição, campo em expansão, sem dúvida, mas que também necessita ter seu reconhecimento legitimado como campo autônomo do conhecimento. Assim, são diversas as possibilidades de leitura: cabe o envolvimento com a realidade de determinado país, ou, também – e certamente esse é o convite –, cabe conhecer outras realidades. Espera-se que novas publicações como esta venham a lume, de modo a estimular o diálogo entre pares, sempre desafiante, mas profícuo, e, principalmente, de modo a fortalecer o campo editorial latino-americano.

## CONTRIBUIÇÃO DO AUTOR

### 1 - Maria do Rosário Alves Pereira

Dra. em Letras - Estudos Literários Fale UFMG

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5509149077345599>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4797-5724>

Email: [mariadorosario58@gmail.com](mailto:mariadorosario58@gmail.com)